

Caminhando com as almas: A alimentação das almas no agreste sergipano

M. C. V. Borges, J. C. Maurício, M. F. J. Santos

Faculdade José Augusto Vieira, 49400-000, Lagarto - SE, Brasil

magnotutor@yahoo.com.br

(Recebido em 24 de abril de 2010; aceito em 07 de janeiro de 2011)

Neste artigo temos o propósito de compreender o universo simbólico inerente às práticas penitenciais no município de Macambira, Sergipe. Liderados por Miguel e Gildo, os grupos vagueiam pelas estradas nas madrugadas da quaresma. Tais grupos podem ser vistos como sinais de uma tradição que permanece viva na memória social da população macambirense. Neste ensejo, pode-se dizer que os penitentes representam um elo entre presente e passado. A pesquisa foi desenvolvida a partir do levantamento de fontes atinentes à temática, como fotografias, objetos de culto, indumentária e depoimentos orais. Por ser um movimento pertencente ao universo da religiosidade popular, a oralidade torna-se um instrumento indispensável na compreensão dos seus sujeitos, na interlocução de uma realidade permeada por misticismo, códigos de uma simbologia complexa e ainda pouco discutida. Trata-se, portanto, de uma realidade múltipla, intercalada de sujeitos e clamores, nos quais os personagens sofridos do cotidiano sertanejo reivindicam ao sagrado que sane as carências deixadas pelo poder público. Mais uma vez o divino é invocado para resolver as falhas humanas. Palavras-chave: penitência, oralidade, Macambira.

In this article we have the intention of comprehending the symbolic universe that is part of the penance practices in Macambira town, Sergipe. In this place, there are two penance groups that roam through the roads during the early hours of the lent. They are led by Gildo and Miguel. These groups can be seen as signs of a tradition that is still alive in social memory of Macambian people. Therefore, it can be said that the penance people represent a link between past and present. The research was developed through the survey of regard to the subjects fonts, like photos, cult objects, clothes history and oral, depositions. As it is a movement that belongs to the popular religion universe, the oral practice became an indispensable instrument to the comprehension of its subjects, to the interlocution of a reality in which there is mysticism, codes of a de uma complex and not much discussed. So, it's a multiple reality, with subjects and complaints, in which the sufferer people of the everyday of the country claim to the sacred that solve the needs left by the public power. One more time the divinity is called to solve human errors.

Key words: penance, oral practice, Macambira.

Durante toda a semana santa, os religiosos são arrebatados a outra dimensão. Acreditando que práticas penitenciais os ajudarão a alcançar a plenitude da salvação, em uma tentativa de incorporar as dores de Cristo, os moradores do agreste sergipano recriam o sofrimento em direção ao calvário, através de suas longas caminhadas, sofridas peregrinações pelas escuras e frias estradas, que vão dos cemitérios até as igrejas.

A prática da penitência é uma tradição que remonta de muito tempo atrás. Há séculos em diversas regiões, fiéis buscam o santo de sua devoção com pedidos ou agradecimentos por graças alcançadas, cumprindo atos sacrificiais na expectativa de expiar seus pecados, como também livrar as almas do fogo do purgatório. Rezar, autoflagelar-se e jejuar são algumas das dimensões do universo religioso católico que ainda permanecem vivas na sociedade sergipana.

A multiplicidade destas práticas religiosas demonstra que a religiosidade popular continua a proporcionar aos fiéis a melhor maneira de lidar com as adversidades da vida. Pois nesta, a necessidade de manifestar as crenças faz parte das tradições católicas, uma vez que esta inclui rituais, supertições, sacrifícios e peregrinações que se repetem todos os anos com a mesma essência, uma vez que através destes momentos, todos têm a oportunidade de vivenciar sua fé e clamar ao sagrado os favores divinos.

Neste artigo temos o propósito de compreender o universo simbólico inerente às práticas penitenciais no município de Macambira, Sergipe. Neste, atualmente existem dois grupos de penitentes que vagueiam pelas estradas nas madrugadas da quaresma. São os grupos liderados respectivamente por Gildo e Miguel. Tais grupos podem ser vistos como sinais de uma tradição que permanece viva na memória social da população macambireNSE. Mesmo não podendo dizer se tratar de uma manifestação de outrora, é evidente que os penitentes constituem uma simbiose, mesclando elementos da tradição e da modernidade, pois traz em si, indícios do passado e do tempo atual. Neste ensejo, pode-se dizer que os penitentes representam um elo entre presente e passado.

Macambira é a porta do sertão sergipano. É um município que se localiza entre o agreste e o semi-árido. Devido a sua localização, um dos estigmas que perpassam pela comunidade é o da seca. É comum que ocorra longos períodos de estiagem e que os moradores passem pelos sofrimentos da falta de água. São nessas ocasiões em que a devoção latente desses moradores se torna pública, com as súplicas pela almejada chuva. Uma forma privilegiada de suplicar por bênçãos em Macambira é a penitência. Sair na alta madrugada, lamentando as dores sociais e clamando pelo consolo divino é prática corrente.

A pesquisa foi desenvolvida a partir do levantamento de fontes atinentes à temática, como fotografias, objetos de culto, indumentária e depoimentos orais. Por ser um movimento pertencente ao universo da religiosidade popular, a oralidade torna-se um instrumento indispensável na compreensão dos seus sujeitos, na interlocução de uma realidade permeada por misticismo, códigos de uma simbologia complexa e ainda pouco discutida. Neste sentido, nossa proposta consiste em discutir uma realidade que perpassa o mundo vivido, mas também os mundos sentidos e imaginados. Trata-se, portanto, de uma realidade múltipla, intercalada de sujeitos e clamores, nos quais os personagens sofridos do cotidiano sertanejo reivindicam ao sagrado que sane as carências deixadas pelo poder público. Mais uma vez o divino é invocado para resolver as falhas humanas.

1. A PRECURSORA DA PRÁTICA PENITENCIAL

Não há dados precisos sobre o surgimento da prática religiosa penitencial no município de Macambira. Mais precisamente no povoado Lagoa Seca (localidade na qual são provenientes os dois grupos de penitentes), há apenas indícios que apontam que tal prática religiosa teve como precursora a senhora Lucádia, que teria iniciado sozinha e com muita fé uma religiosidade popular pouco conhecida até então. A mesma vista com um certo preconceito por parte das pessoas, pois o desconhecimento leva o estranhamento. Estranhamento este que pode ser observado, na ausência de fontes escritas e também pelo fato de não haver relatos sobre tal movimento no livro de tombo da Paróquia São Francisco de Assis, situada na cidade de Macambira.

Dizem que por muito tempo a senhora Lucádia realizou sozinha a penitência que, anteriormente era consumada através do autoflagelo, ou seja, a devota dividia a gilete em duas partes, amarravam-nas em pedaços de cordas e batia em si mesma, até que suas costas fosse totalmente inundadas de sangue. Com tal prática, a senhora Lucádia não fazia somente o sangue jorrar, mas também, no plano simbólico, buscava expiar os pecados. É interessante percebermos o sentido do autoflagelo na prática penitencial.

No plano simbólico, a decadência do corpo coincide com a elevação da alma. Assim, para purgar os pecados cometidos pela carne e tentar salvar a alma, torna-se necessário fazer o corpo sofrer. É como se para salvar a alma fosse necessário matar a carne. É preciso lembrar também do período em que o ato penitencial ocorre: a quaresma rememora o período de sofrimento de Cristo no deserto, culminando com a Paixão. Por esse ângulo, o sangue também pode ser visto como a tentativa do homem simples e sofrido do semi-árido sergipano de se aproximar do Salvador, ou seja, da mesma forma que o divino se tornou homem pela dor, o homem se aproxima do divino pelo mesmo caminho. Foi assim que a prática de dona Lucádia tornou-se exemplo de penitência cristã, fazendo com que outros seguidores começassem a aparecer.

A partir do surgimento de outros devotos, vários grupos começaram a difundir-se, grupos estes que infelizmente ficaram no esquecimento. O que se sabe é que tal reverência era aprendida e repassada no convívio familiar. Esse pode ser o motivo dos grupos mais antigos serem compostos por membros da família, que com o passar do tempo iam se difundindo e sucessivamente gerando novos grupos. Teria ocorrido assim, o milagre da multiplicação de penitentes na região de Macambira.

Por muito tempo estes grupos não receberam o apoio da igreja, pelo fato de serem vistos como seguidores de práticas pagãs, presas às superstições de um catolicismo rústico. Atualmente, aos poucos, os grupos têm conseguido uma pequena atenção, pois, durante a semana santa um dia lhes é concedido para que eles possam realizar suas práticas no interior da igreja matriz. Isso pode ser visto como indício do conflito de campo existente no universo religioso do município, no qual o popular e o oficial se encontram em constante processo de redefinição de suas atribuições. Com isso, percebe-se que a Igreja vem buscando reinserir em seu bojo antigas práticas religiosas, visando reintegrar novos devotos. Em síntese, o popular está sendo reabsorvido pela Igreja.

Hoje no município restam apenas dois grupos de penitentes que têm como líderes o senhor Miguel e o senhor Gildo. Tais grupos são compostos por pessoas moradoras do pequeno povoado Lagoa Seca. Para os penitentes o período quaresmal é um momento em que o profano (que pode ser entendido neste caso como práticas pecaminosas) cede lugar ao sagrado (que é justamente o abandono às práticas que são vistas como ilícitas). Para que haja a manifestação do sagrado, deve haver uma purificação prévia, através do jejum, do sacrifício, dos momentos dedicados às orações e da abstinência sexual. Assim, os prazeres da carne dão lugar a essência do espírito, o homem sertanejo busca encontrar-se com o sagrado. É o momento da contemplação.

2. O SENTIDO DA PENITÊNCIA

Nas noites de quaresma, o silêncio é quebrado pelos sons da matraca e dos sinos que ecoam no povoado Lagoa Seca. Dois grupos de penitentes após alguns dias de purificação, em busca da paz interior, saem rezando em ritmo de lamentação em prol das almas necessitadas. O percurso por eles realizado é longo e perdura por toda a noite. As estações, paradas nas quais eles realizam orações e relembram os passos da paixão de Cristo, são pontos específicos como os cemitérios, as igrejas, as capelas de santa cruz de beira de estrada e as casas de morados bem vistos socialmente. Podemos enxergar esses pontos como lugares sagrados. No universo popular, a morte tem poder de sacralizar, de criar uma nova dimensão para o lugar, de estabelecer uma nova funcionalidade. Sob esta ótica, os lugares de memória se tornam também lugares de devoção, respeito e comunicação com o divino.

Os penitentes num sentimento de devoção e doação percorrem durante as noites quaresmais os mais diferentes e obscuros caminhos. Motivados por uma fé, que os faz acreditar que estão acompanhados por seres do plano espiritual, rezam em todos os locais que lhes são necessitados. Para eles, os penitentes são pessoas predestinadas por Deus para suplicar por todas as pessoas que sofrem neste ou no outro mundo. No entanto, há pessoas que participam das jornadas penitenciais no intuito de se auto-ajudar, seja para pagar alguma promessa feita ou para alcançar alguma graça, que geralmente é a cura de enfermidades ou livramento de algum vício. Nesta perspectiva. O grupo de penitentes pode ser visto enquanto portal entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. As alvas vestimentas iluminadas pelas velas acesas denotam bem essa posição, pois no imaginário popular confundem-se os homens com as almas

Para os fiéis, as penitências servem para que eles possam se comunicar com o plano superior. Cada local percorrido por eles tem um significado diferente, por trazer à tona as lembranças de um ente querido que partira, por reavivar os dramas sociais, por desenterrar uma memória sufocada. No ato da penitência, com suas paradas tristes em santa cruz de beira de estradas em poeiras, as feridas da vida já cicatrizadas voltam a incomodar. Por esse motivo podemos ver os penitentes como um grupo que luta pela memória. É um conflito contra o esquecimento, seja das tragédias da

comunidade, seja da própria tradição ritualizada. No entanto, os penitentes não possuem um só propósito.

A igreja que vista como a casa de Deus é um local onde eles têm a oportunidade de habitar no sagrado, tendo importância indiscutível. Todavia, a permissão para a entrada de penitentes nos templos católicos de Macambira é recente e por esse motivo a igreja ainda permanece como parada secundarizada. Os demais pontos representam no imaginário do grupo o maior esforço sacrificial, por se aproximarem mais dos intuitos dos grupos: rezar pelas almas necessitadas. As capelas, para eles, é um dos locais mais necessitados, pelo fato de alguém ter morrido num momento triste. São essas almas que carecem de maior atenção e penitência. Para livrar do sofrimento do purgatório, torna-se eminente a obrigação de penitenciar na terra. O cemitério, além das cruzes e túmulos, representa também o local habitado pelas almas das pessoas que ainda não conseguiram encontrar o caminho da luz e estariam atribuladas pelo mal. Por esse motivo ele sempre é o ponto final da marcha sacrificial.

Considerando segunda, quarta e sexta-feira como dia das almas, os dois grupos saem vestidos com túnicas brancas e rostos cobertos. Para rezar em favor das almas necessitadas do purgatório, em suas mãos o sino, a matraca e a cruz, que servem para identificá-los. A cruz simboliza a morte de Cristo no calvário, o sino e a matraca são usados para que as pessoas os vejam e também para chamar a atenção das pessoas. Usam vestes brancas, representando a passagem deste mundo para o além, as famosas mortalhas brancas, que vestem os corpos dos finados no ato do sepultamento, pois a cor branca para eles lembram a pureza.

Os penitentes acreditam que todas as coisas provêm de Deus. Podemos identificar assim uma cosmovisão tipicamente popular, na qual o sagrado é visto como ponto de partida e de chegada. Então, eles atribuem as adversidades que ocorrem na natureza como enchentes, secas, improdutividade na safra e as atribulações da vida como doenças, desempregos, violências, vícios entre outros problemas enfrentados pelo homem, à ira divina, ou seja, a revolta de Deus para com os pecadores. O sofrimento decorrente do mundo em que vivemos passa a ser entendido como resultante da ação do cosmo, como castigo do Deus-pai pelo desapego espiritual dos filhos terrenos. Portanto, eles tentam através de sacrifícios atraírem o olhar de misericórdia de Deus, reconhecendo que são pecadores necessitados de compaixão.

Para o senhor Gildo, líder de um grupo penitente, a maneira de vida que as pessoas estão vivendo nos dias atuais tem cada vez mais distanciado o criador da criatura, pois, as pessoas têm vivido segundo as concupiscências da carne. Para ele, “o ser humano tem se tornado cada vez mais amigo dos prazeres e inimigos de Deus e a única solução para o mundo seria que todas as pessoas se arrependessem de seus atos pecaminosos e voltar-se para Deus”. Como isto ainda não aconteceu, a única forma de acalmar a fúria divina é justamente a penitência. Essa visão de mundo demonstra que para o religioso, o grupo penitente é uma necessidade inerente à sociedade. Seria um elo de equilíbrio entre a perdição e a almejada salvação, provocada pela expiação dos pecados pelo sacrifício da carne.

3. ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA

Um grupo que causa diferentes sensações. O despertar da madrugada em Macambira é vivenciado pelos passos apressados dos penitentes e pela observação desconfiada dos curiosos. Devoção, curiosidade e medo permeiam o ritual. O impacto visual dos grupos é impressionante, pois quando menos se espera, surge uma cruz alçada com várias velas acesas, acompanhada por quase uma dezena de pessoas vestidas de branco, entoando cantos de lamentação. O soar da matraca completa o cenário de hercúlea penitência e desolação. As pessoas não pertencentes a este movimento religioso chegam ao ponto de sentirem medo dos penitentes, por considerar que tais

pessoas tenham maior proximidade com os mortos. Outro ingrediente que alimenta o universo imaginativo é o fato deles saírem a meia noite, hora que é considerada por muitos como a “hora ruim”.

Muitos atribuíam a prática dos penitentes a uma bruxaria disfarçada. As pessoas diziam que eles preferiam os lugares onde o diabo agia, como as capelas de santa cruz de beira de estrada. Para muitos incrédulos, a morada principal do capeta está justamente nestas capelas e no cemitério. Lugares que fazem parte das estações dos penitentes. As práticas feitas pelos devotos penitentes eram vistas como demoníacas, pois muitas pessoas ao ouvir o som da matraca fechavam suas portas na tentativa de impedir a entrada do pai das trevas em suas casas. Isso fez com que fosse criada uma série de mitos que enriqueceu o aspecto imaginativo dos grupos penitenciais.

Podemos inserir esse universo lendário como elemento constituinte do vasto leque simbólico que permeia a manifestação religiosa. As lendas além de fornecerem a legitimidade social necessária, contribuem para a manutenção de um elemento fundamental: o mistério. Os grupos são impregnados pelo segredo. Em diferentes momentos torna-se perceptível a busca pela manutenção de elementos ritualísticos distantes dos olhares curiosos. Talvez seja esse um dos motivos que levem os grupos a deslocarem-se de forma apressada, evitando-se ao máximo a companhia de pessoas estranhas ao grupo. A participação de curiosos deve restringi-se ao momento em que os “irmãos das almas” entram na igreja matriz.

É preciso manter o sigilo. O homem individual é apagado diante do grupo. Os penitentes assumem no decorrer da quaresma uma identidade própria. O sujeito perde espaço para o coletivo. Isso é simbolizado pelo uso do capuz, que de certa forma acaba por uniformizar os membros. Mesmo havendo distinções no interior dos grupos penitentes, com atribuições distintas (carregar sinos, matracas, puxar orações), no olhar do grande público os sujeitos se tornam irreconhecíveis. O homem sofrido desaparece ao escurecer, para somente despertar na alta madrugada. A noite fria de Macambira oculta as dores individuais, despertando o lamento coletivo. Podemos inferir que penitenciar, mesmo sendo vista pelos membros como uma prática de fundamental importância social, não é motivo para promoção de individualidades. Ao invés de orgulho por sair em caminhada observada pela população de todo município, percebe-se um comportamento humilde de constrangimento. Cabisbaixo, o penitente sertanejo demonstra o arrependimento de ter sido pecador. O público e o privado galgam novas dimensões no âmbito da penitência. Da mesma forma que o sofrido cortejo busca a privacidade, o cotidiano privado do lar se abre para o olhar público, com a entrada dos penitentes em algumas residências. Se há constrangimento em suplicar as graças divinas, há orgulho em poder abrir as portas para a entrada do sagrado.

As pessoas que admiravam tal prática passavam quase toda a noite em claro esperando a visita dos irmãos das almas, pois, temiam que os mesmos chegassem em suas casas e os encontrassem dormindo e conseqüentemente a benção de Deus fosse impedida de entrar em seus lares. Em alguns momentos os penitentes foram confundidos com santos, ou com mensageiros da boa-nova. Mesmo no âmbito protetor do lar as restrições sobre os penitentes são constantes. Não existe diálogo, apenas a entrada na casa e a execução das orações. Terminadas as obrigações, os penitentes recuam de costas, rezando e soando a matraca, para enfim ocultar-se novamente na escuridão das estradas sertaneja. Aos curiosos e moradores, só resta fechar as portas e ir dormir, pois no plano simbólico o perigo aumenta.

Uma das lendas mais recorrentes a respeito dos penitentes foi relatada por Maria dos Santos. No entender da senhora de noventa anos, “teve uma vez que uma muié ficou vendo da janela os penitente passar. Depois que eles passaru teve um que voltô e deu a ela uma vela acesa e acuppanhô os otros. Depois quando a muié oiou a vela viu que era uam canela de defunto” (SANTOS, 2007). Um mundo místico. Assim poderíamos definir o universo simbólico dos penitentes. No entender popular, mortos e vivos compartilham de um mesmo espaço, de uma mesma realidade mística. O relato de dona Maria dos Santos é esclarecedor para a compreensão do universo imaginativo que envolve os penitentes, pois apresenta as variadas facetas que envolvem o ritual, como as velas, a curiosidade, o cotidiano e o acompanhamento das almas.

Este último ponto em particular chama atenção. Para o devoto dessa manifestação religiosa, a penitência é um fator crucial de salvação, seria uma missão digna de louvor e exemplo a ser seguido pela cristandade. Esse é um dos motivos que fortalece o respeito que os grupos têm na comunidade. Ser penitente é sinônimo de abnegação das benesses “mundo” e apego ao legado deixado por Cristo. Neste sentido, os irmãos das almas estariam seguindo fielmente os passos do salvador, tanto em relação ao sacrifício do corpo, como na busca pela salvação das almas perdidas.

O depoimento acima citado tem dois aspectos de relevância para a percepção da realidade discutida. O primeiro refere-se ao castigo. A mulher desobediente às recomendações do grupo não se resguarda, permanecendo na janela para observar os andarilhos noturnos e por isso, é de imediato, punida severamente. Receber uma “canela” de defunto representa a insatisfação do mundo dos mortos com olhar indiscreto da moradora da localidade. Nas semanas da quaresma, a noite pertence aos mortos, às almas em busca de salvação. O segundo aspecto infere sobre o contato entre duas realidades distintas. Ao passar os penitentes, sagrado e profano se encontram, a ordem cósmica se manifesta na desordem cotidiana do semi-árido sergipano. Neste ínterim, os penitentes representam um canal de comunicação entre o ordinário e o extraordinário. Seria um portal aberto. Na noite de quaresma, no imaginário popular, se torna mais fácil o contato entre vivos e mortos, pois o tempo sacralizado pode facilitar a passagem entre os dois mundos.

Vivos e mortos perambulando pelas estradas de Macambira. Essa descrição tenebrosa não é estranha para um morador da localidade. A crença na existência das almas é algo pertinente à sociedade macambireense. São inúmeras as lendas da região que retratam a visão de seres interpretados como sendo a alma de um ente querido, ou até mesmo de algum desconhecido. Para o fiel essas almas são as mais necessitadas e por isso acabam se tornando alvo maior de devoção, com a ereção de capelas, santa cruz de beira de estrada e cruzeiros. No sertão de Sergipe as almas são alvo de devoção, com a realização de ofícios, terços, acompanhamentos e vigílias penitenciais. Tudo visando salvar as almas que queimam no fogo do purgatório e atingir algumas graças terrenas, ou seja, o devoto ao mesmo tempo cumpre uma obrigação cristã de olhar para o próximo (mesmo que este esteja em outra realidade) e tenta atingir seus objetos terrenos, com a solicitação de graças.

Ser penitente é tarefa árdua, pois incumbe em uma série de sanções e coibições que permeiam toda a conduta social do membro. Um dos principais pressupostos é o afastamento temporário dos pecados da carne. O homem penitente afasta-se temporariamente de seu universo cotidiano para adentrar em uma rotina diferenciada, sacralizada. A preocupação central é rezar e sair pelas ruas da cidade e estradas de povoados em penitência pela salvação das almas penadas. O ritmo de uma penitente é alucinante, pois o grupo percorre inúmeros quilômetros por noite, a passos largos, visitando capelas, santas cruzes e cemitérios. Podemos dizer que os grupos constituem uma geografia própria, configurando uma territorialidade flexível, que assume consistência somente no período quaresmal. Segundas, quartas e sextas-feiras da quaresma são dedicadas às almas, com longas jornadas em prol da salvação dos irmãos falecidos.

É difícil acompanhar o ritmo dos grupos. Quando menos se espera emerge das trevas uma cruz alçada com inúmeras velas acesas que provocam luz incandescente, seguida por uma fileira de homens vestidos com túnicas e capuzes brancos entoando cânticos de lamentação. Para muitos expectadores é um momento de susto. Porém, este ritmo alucinado dos penitentes possui um sentido, pois pode ser entendido como uma tentativa de fortalecer o aspecto do segredo, inerente ao ideal dos grupos.

A questão do segredo permeia toda a apresentação pública dos penitentes. No momento em os componentes se cobrem com as alvas mortaldas, os indivíduos perdem a importância, passando a somar ao grupo. Neste caso, o grupo sobrepõe às individualidades. Mesmo havendo distinções nas atribuições entre os membros, como transportar matracas, sinos, cruz e puxar as orações, percebe-se que ao apresentar em público, todos são nivelados, o grupo assume vida própria calcada no anonimato dos componentes. O foco central é a oração pelas almas necessitadas. Um elemento de grande relevância para manter o anonimato é o capuz. Trata-se de uma indumentária essencial para apagar as individualidades e forjar uma suposta coletividade. Além disso, o capuz em formato

próximo do cilíndrico se torna um importante ingrediente na sensibilidade emotiva. O medo nesse caso passa a ser um aliado na legitimação dos grupos.

Neste caso, ser penitente significa, paradoxalmente, buscar cumprir a sua obrigação ocultamente, apesar de apresentar-se em público. Ao mesmo tempo que fazer parte do grupo pode ser motivo de orgulho, ao sair em caminhada sobressai o constrangimento dos membros, quase sempre cabisbaixos. Essa constatação pode ser compreendida ao observar a finalidade do grupo, que é rezar pelas almas e rememorar o sofrimento de Cristo em sua Paixão. Neste sentido, seguir envergonhados em marcha representa uma nuance do imaginário popular, no qual Cristo teria morrido para nos salvar, ou seja, todo cristão teria uma parcela de culpa pelo sofrimento do mesmo. Os penitentes são ao mesmo tempo atores, intercessores e agentes de salvação. Representam uma síntese dos dramas vivenciados pela população do semi-árido. Deve-se lembrar também do caráter promesseiro dos referidos grupos. Uma parcela considerável dos membros começou a participar do movimento como forma de pagar uma promessa, ou seja, a penitência está vinculada a uma expressão da desobriga. É uma forma de agradecer ao sagrado as graças concedidas. Por esse motivo muitos dos penitentes tratam seu cortejo como obrigação, pois se trata de um pagamento.

Quando as alvas túnicas aparecem nas estradas escuras de Macambira o susto paira sobre a população. Apesar das possíveis chacotas que os penitentes podem sofrer na maioria das vezes os componentes são vistos com respeito, afinal, no imaginário popular eles estão desempenhando uma função vital para a sociedade, pois são os responsáveis pelo equilíbrio entre o mundo dos vivos e dos mortos. Rezar por almas desconhecidas é uma tarefa quase que altruísta. Os irmãos das almas seguem o modelo de Jesus, que entregou a vida pela salvação do mundo. Assim, no entender do penitente, ele está sacrificando-se para salvar as almas necessitadas e rememorando as dores sofridas por Cristo a caminho do Calvário. A dor acompanha os grupos. Atualmente não encontramos sinais de práticas de autoflagelo (mesmo havendo fortes indícios que já tenha sido prática corrente entre os membros), mesmo assim a idéia de sacrifício vigora com os cânticos de lamentação, uso de roupas brancas e as longas jornadas realizadas em cada noite.

Podemos inferir que no sertão sergipano o silêncio quaresmal vence a alegria do cotidiano. Após o carnaval a vida dos sertanejos é marcada pela austeridade e devotamento contido. Tal afirmativa é explicitada no depoimento de Maria dos Santos. No entender dessa antiga moradora do sertão:

Na telça-fera de carná, o dono do reisado pegava o boi e as rôpa das figura, juntava com a zabumba e amarrva no arto, no teiado. Só tirava no sabo de aleluia. Ninguém cantava nem se pintava. Tinha muita gente que ficava de luto, pra lembrar do sofrimento de Nosso Senhor Jesus. Todo mundo jejuava nas quarta, e sexta da quaresma toda. Na semana santa ninguém o jejum começava na quarta e ia até o sabo e depois de quinta meio dia ninguém tomava mais banho, por Jesus já tinha morrido. Agente passava a quaresma toda sem cantar e ouvir musga. Não tinha samba em lugar nenhum. Só cantava as cigarra e por isso as costa dela estôrava (SANTOS, 2007).

Um depoimento valioso e revelador do universo mítico que permeia a ação dos penitentes. A entrevista mostrou que o período quaresmal era sinônimo de silêncio quase que absoluto. A alegria do boi com suas brilhantes figuras era abafada pela dor da penitência e abnegação. A questão central que permeia todo o depoimento é o silêncio. No tempo mítico ritualizado, os devotos são transportados para simbolicamente para o tempo bíblico. Assim, os devotos buscam aproximar-se o possível das cenas de martírios descritas nos evangelhos, pois da mesma forma que Deus teria desfrutado a plenitude da humanidade pela dor, o homem se aproximaria do ideal divino pelo mesmo caminho. A dor seria um elo que ligaria humanidade e divindade.

Todavia, o silêncio quaresmal no sertão sergipano não é total. Existem ruídos que ecoam pelas noites. São os sussurros de lamentação dos penitentes seu Miguel e de seu Gildo. O soar da matraca rompe com o silêncio sepulcral da região das matas e traz importantes conseqüências sociais, pois representam uma dupla vitória: a primeira é a vitória de um grupo sufocado, de uma população marginalizada e excluída da atenção das autoridades. É o momento em que os anônimos saem pelas

ruas e estradas, cantando louvores aos mortos, mas também lastimando a situação precária em que estão submetidos. Seus cânticos piedosos soam como um grito último, no qual a população sofrida do semi-árido sergipano expressa a sua insatisfação. A segunda vitória é a da resistência da própria manifestação, pois os penitentes insistem em caminhar no decorrer das noites macambirenses, apesar da falta de apoio. O silêncio das manifestações do catolicismo popular também é rompido. O som da matraca sai pelas madrugadas a fora incomodando os representantes do catolicismo oficial, mostrando que apesar da resistência, as práticas do catolicismo rústico permanecem com vigor.

4. A PENITÊNCIA EM SERGIPE

No período quaresmal Sergipe se rende a penitência. Faz parte da identidade local passar o referido período acompanhando os diversos grupos de pessoas vestidas de branco, rezando pelas almas do purgatório. O estado possui uma variada gama de grupos, nos quais a maior parte permanece no anonimato. Quase sua totalidade é constituída por pessoas simples, moradoras dos arredores dos municípios do interior sergipano e que no despertar da quaresma se tornam atores da trama da Paixão. Apesar de possuírem características em comum, a maior parte dos grupos penitentes apresenta algumas peculiaridades que os distinguem dos demais.

Uma das questões que propiciam distinguir os grupos é a prática do autoflagelo. Pela tradição oral é perceptível constatar que a maior parte dos grupos de penitentes de Sergipe exercia tal prática. Mas a cultura é dinâmica e as práticas surgem e desaparecem. Este parece ser o caso do autoflagelo. A maior parte dos grupos substituiu o autoflagelo pelo sacrifício das longas caminhadas. Ao que consta, em Sergipe só existe um grupo de penitentes que permanece com a prática do autoflagelo inserida em seu enredo. É o grupo de Ilha das Flores. Neste município, os penitentes tentam vivenciar o sofrimento de Jesus, se humilhando e se autoflagelando. Na Sexta-feira Santa, o cemitério da cidade é banhado de sangue, derramado pelos penitentes em sufrágio das almas e do sofrimento de Cristo. Na alta madrugada, os fiéis praticam o autoflagelo, batendo-se com navalhas amarradas em cordões, dilacerando as costas em retrato semelhante ao Cristo açoitado (Bom Jesus da Coluna). Através desta penitência os devotos tentam alcançar a salvação de suas almas. Devido às suas características peculiares, os penitentes de Ilha das Flores já foram alvo de estudos, como o de Antônio Alves Amaral, que buscou descortinar as facetas ocultas da prática penitencial. É uma narrativa que se prende ao derramamento de sangue, ao sacrifício dos devotos, aos bastidores do enredo quaresmal (AMARAL, 2003).

No cenário sergipano os penitentes se alastraram por todos recônditos lugarejos. Várias são ações penitenciais espalhadas pelo estado, demonstrando o vigor e poder de reprodução dessa manifestação religiosa. Ser penitente é uma das atribuições do homem comum, sofrido no seu cotidiano e que encena o sofrimento de Cristo similar a sua rotina. Estudos recentes têm lançado o olhar acadêmico sobre o universo religioso dos penitentes e revelado uma multiplicidade de leituras tão variada quanto a diversidade de grupos. Assim emergiram no âmbito acadêmico os penitentes de municípios como Ilha das Flores, Tomar do Geru, Japarutuba, Nossa Senhora das Dores, Tobias Barreto, Macambira, Campo do Brito, Feira Nova e Laranjeiras. De Tobias Barreto no final do século XIX, a Magneide Lima no despertar do século XXI, lançando novos olhares, muitas vezes curiosos, outras tantas surpresas com tais práticas.

Da produção recente do âmbito investigativo a respeito dos penitentes destacam-se três obras. A primeira enfoca a multiplicação de grupos penitentes ocorrida recentemente em Nossa Senhora das Dores. A autora, Magneide Lima buscou compreender essa multiplicação relacionado com a flexibilização das regras dos grupos, que teria resultado na chamada explosão de fé decorrente do significativo aumento do número de participantes (LIMA, 2002).

Outro olhar investigativo que vislumbrou o aspecto penitencial foi o de Gisselma Almeida. A autora teve como foco a procissão do Madeiro, realizada também em Nossa Senhora das Dores. O cerne da pesquisa empreendida é a disputa entre duas famílias por um bem simbólico, o madeiro. Permeando esses impasses aparece a procissão, cercada de devoção e penitência, com suas beatas

completamente cobertas pelas túnicas e véus negros. Trata-se, portanto de um estudo que discute uma expressão peculiar da penitência em Sergipe, marco da identidade de Nossa Senhora das Dores.

Já Ilma Menezes estuda a diversidade grupos penitentes no município de Feira Nova. A pesquisadora busca analisar o variado número de grupos penitentes existentes na região e conclui que isso seria consequência de um suposto esfacelamento, de um processo de ruptura entre os membros. É uma reflexão que contribui para a inteligibilidade da temática em foco, evidenciando as práticas penitenciais com um olhar guiado pela Nova História Cultural.

Não há dados precisos sobre o surgimento desta manifestação em Macambira. O certo é que os grupos em questão permanecem no anonimato, pois até o momento parece que ainda não tinham despertado o interesse dos olhares acadêmicos. Para empreender uma investigação sobre tal temática é necessário recorrer à oralidade. É a memória de antigos membros que pode auxiliar na reconstituição de manifestações populares como os penitentes, que quase sempre se mantém distante do universo das letras. Infelizmente com a morte de tais pessoas é sepultado um grande leque de saberes e muitas vezes, o sonho de manter a tradição viva.

Um desses ícones da memória macambireense é um ex-participante dos penitentes, o senhor Gervásio Santana, com seus noventa anos, já debilitado fisicamente e destituído de forças que levaram a seu afastamento dos penitentes. Ele afirma que “desde pequeno eu acompanho o grupo que meu avô era lide e adepois meu pai ficou seno lide e depois eu. Agora eu num acompanho mais, eu já tô veio dexe isso pros novo” (SANTANA, 2007). O depoimento de Gervásio é revelador do caráter de perpetuação das práticas populares, que devem ser transmitidas de geração a geração por meio da oralidade. Além disso, o relato demonstra que a penitência é vista também como um legado familiar. A herança deixada pelo pai para o filho é a tradição. Neste sentido, os membros vão incorporando uma maior credibilidade, legitimando-se em suas ações por serem herdeiros de uma tradição.

O antigo penitente diz que tudo começou quando ele tinha apenas 12 anos, ao observar escondido as rezas feitas pelo grupo de penitentes que tinha seu avô como líder. Ao tentar acompanhar foi impedido, conseguindo a permissão somente no ano seguinte. Em um depoimento emocionado, o senhor Gervásio enfatiza a sua participação do grupo e lamenta o seu atual estado de invalidez, por encontrar-se entravado em uma cadeira. Frustração pelo estado físico contratada pela espera da morte. O senhor que acredita ter passado grande parte de sua vida caminhando com as almas afirma que está esperando a morte da carne e a passagem deste mundo para o além. Ele acredita que a sua tarefa aqui na terra para terminou e diz está preparado para cumprir a tarefa que está por vir, no outro mundo. Gervásio crê que da mesma maneira que as almas ajudaram a vencer as dificuldades da vida, ao tornar-se espírito sairá da terra com seus irmãos (almas) para acompanhá-los dando forças nas horas difíceis. Com isso, percebe-se que para o mais antigo penitente de Macambira o que resta hoje são apenas recordações e certeza do dever cumprido.

Uma cosmovisão complexa. O depoimento acima citado revela que o mundo do penitente apresenta características incomuns. A vida aparece apenas como mera passagem, tempo de preparação par ao tempo eterno da morte. Além disso, percebe-se a inexistência de uma fronteira fixa entre vida e morte. Ser penitente incumbe em caminhar com as almas e como recompensa, o penitente ao desencarnar teria o suplício auxílio de tais almas. Afinal, “sempe que a necessito é só eu pedir que as alma me socorre, nas hora de aperto elas nunca deixa eu na mão”. (SANTANA, 2007). A vida é vista como uma jornada uma caminhada na qual os andarilhos vão construindo a sua salvação. Nesta caminhada o divino sempre é convocado para o auxílio, assim como as almas, que sempre intervêm. Nos penitentes existe um sentimento de troca, pois a ação das almas ocorre durante todo o tempo

Todavia os grupos de Macambira passaram por transformações. As práticas penitenciais são renovadas a cada momento, galgando uma nova significação, sendo reelaboradas. Entre as principais mudanças estão as que concernem ao universo feminino. Anteriormente os penitentes não permitiam o ingresso de mulheres e proibiam a entrada de penitentes em casas habitadas por mães

solteiras e mulheres que não eram casadas na lei divina. Na quaresma os penitentes abandonam a mesmice de suas vidas e incorporam uma nova forma de viver, regrada e consubstanciada pelos princípios cristãos.

Vários são os relatos que retratam a relação entre penitentes e almas. A relação entre o extraordinário e o ordinário é constante no imaginário penitente. O fabuloso permeia as histórias de vida de cada membro, com seus dramas, suas dores e devoção.

Os penitentes acreditam que durante todo o percurso eles são acompanhados pelas almas. O fantástico sempre rodeia os participantes do grupo, ou se torna motivo para fazer com que ingresse. Este é o caso retratado no depoimento de José Vieira de Jesus, que relata como o avô de seu Miguel se tornou penitente.

O nome dele era Constantino. Ele foi convidado pelo seu pai para fazer uma viagem... bastou ele falar isso para surgir a curiosidade: ele olhou e viu uma grande procissão de pessoas vestidas de branco com um fogo na nuca, como se estivesse queimando álcool ou cachaça. Após esse acontecimento, ele pensou que a penitência deve ser respeitada e levada a sério e que as pessoas não deveriam participar só por participar, pois a penitência é um espírito de devoção e piedade". (VIEIRA, 2007).

Esse é um fragmento do universo imaginativo do penitente, cercado por atos e seres míticos, entrelaçados por um enredo fantástico. No pensamento de um penitente tudo é possível, até mesmo visualizar uma procissão de homens vestidos de branco com cabeça de fogo. Para o homo religiosus ser penitente não é opção pessoal, mas sim a resultante de um chamado divino. O sagrado se manifesta para convocar os homens despojados para se dedicarem a caminhar junto às almas, rompendo silêncios, lamentando o sofrer, iluminando as noites sertanejas. O som da matraca ecoa pelo semi-árido, trazendo a tona a tradição dos penitentes, despertando curiosidade, medo e devoção. A rotina do sertão nordestino é quebrada pelos penitentes que saem em meio à noite rezando pelas almas necessitadas, proliferando o sagrado, constituindo um território flexível. Várias pessoas ficam escondidas atrás das portas, ouvindo os ruídos dos irmãos das almas, vestidos de branco, carregando cruz, sino, matraca e por que não, a identidade macambirense.

FONTES:

JESUS, José Vieira. Depoimento concedido em Macambira no ano de 2007.

SANTANA, Gervásio. Depoimento concedido em Macambira no ano de 2007.

SANTOS, Maria dos. Depoimento concedido em Itabaiana no ano de 2007.

-
1. AGOSTINHO, Pedro. *Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã*: um esboço introdutório. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1986.
 2. ALMEIDA, Gisselma S. J. *Procissão do Madeiro*: devoção e diversão. Nossa Senhora das Dores (1992-1997). Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.
 3. AMARAL, Antônio Alves do. "Penitentes: devoção e autoflagelo". *Revista de Aracaju*. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju. Ano 60, nº 10, 2003. p. 185-191.
 4. ANDRADE, Maria Cleide Leite. *Epidemia, Medo e Devoção*: aspectos devocionais no município de Campo do Brito-SE (1910-1915). São Cristóvão, 1999. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.
 5. BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. *A procissão dos penitentes do Senhor dos Passos*: um estudo de comunicação na religiosidade popular na cidade de São Cristóvão no Estado de Sergipe. Rio de Janeiro, 153. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade do Brasil.

6. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
7. ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões*. Lisboa: LBL Enciclopédia, s/d.
8. GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
9. LIMA, Magneide Santana dos S. *Penitentes de Nossa Senhora das Dores: explosão de fé. 1990-2000*. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.
10. LE GOFF, Jacques. “Documento / Monumento”. In: __. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leite. 2ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP.
11. MENEZES, Ilma Maria Figueiredo. *A diversidade de grupos de penitentes no município de Feira Nova (1955-1990)*. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.
12. SANCHIS, Pierre. Festa e Religião Popular: as romarias de Portugal. *Revista de Cultura*. Petrópolis 1979. Vozes. Vol. 73, ano 73, nº 04.
13. UCHOA, Jouberto (org.). *Sergipe Panorâmico: geográfico, político, histórico, econômico, cultural, turístico e social*. Aracaju: UNIT, 2002.
14. VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. Trad. Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987.